

Do outro lado do mundo

Correspondente da TV Globo no Japão, Roberto Kovalick fala sobre sua rotina no país, onde cobriu até um terremoto, em 2011

THAÍS BRITTO
thais.britto@oglobo.com.br

Roberto Kovalick já comeu, de sobremesa, sorvete de chá verde com calda de feijão. E aprendeu a gostar. Frango cru ele também já provou, mas diz que é ruim demais. Usou loção para os pés durante um mês achando que era desodorante, e já apontou qualquer coisa no cardápio ao pedir comida em um restaurante, sem saber o que comeria ou quanto pagaria por aquilo. Isso tudo é apenas parte das experiências do jornalista no Japão, onde, há cerca de três anos e meio, dá expediente como correspondente da TV Globo. De férias no Brasil no mês passado, ele falou sobre o quanto tem aprendido no país asiático e sobre algumas coberturas emblemáticas, como a do terremoto que atingiu o norte do Japão, em 2011, provocando um acidente nuclear.

O gaúcho começou a carreira na RBS, antes de vir para o Rio de Janeiro para trabalhar na TV Globo. Depois de 10 anos, mudou-se para Brasília, onde ficou por seis anos, até estrear como correspondente em Nova York. Enquanto ainda trabalhava nos Estados Unidos, foi passar as férias no Japão e ficou encantado com o país. Na época, chegou a comentar com alguns colegas que adoraria ir morar no país,

mas isso era praticamente impossível, já que o escritório da TV Globo na Ásia ficava na China. Ele não sabia que tudo estava prestes a mudar:

— Eu nem tinha muita esperança, porque o Japão é um país muito caro. Manter uma estrutura lá custaria dez vezes mais do que na China. Mas aí, três ou quatro meses depois, fui chamado para uma reunião e fiquei sabendo que a Globo estava desenvolvendo um projeto para abrir um escritório em Tóquio em parceria com a IPC TV, uma afiliada que já tinha estúdio, cinegrafista, equipamentos e tudo mais.

A primeira barreira para a adaptação, segundo o jornalista, é mesmo a língua. Ele explica que, no início, é preciso lidar com a realidade de ser analfabeto, já que quase tudo é escrito com o alfabeto japonês. Em supermercados e restaurantes, já se meteu em algumas roubadas. Hoje, consegue manter conversas básicas e ler, em japonês, o nome do seu bairro e da cidade de Tóquio. Mas não muito mais do que isso.

No escritório a gente fala português, o que acaba dificultando meu aprendizado. Para o básico, eu me viro. Mas, às vezes, quando a pessoa não fala nada de inglês, complica. Aí, pego o telefone, ligo para alguém da IPC, às vezes nos hotéis, e peço: “Fala aqui com o motorista de táxi, por favor?”. E a pessoa faz a



CORRESPONDENTE. No Japão há três anos e meio, Kovalick exalta a experiência de vida adquirida com a função

“É DIFÍCIL COBRIR ALGO QUANDO A FAMÍLIA ESTÁ ENVOLVIDA. QUANDO SUA ESPOSA É UMA POTENCIAL VÍTIMA, É MUITA COISA PARA LIDAR”

tradução por telefone — conta.

Se a língua complica a vida do estrangeiro morando em Tóquio, o altíssimo nível de organização da sociedade japonesa facilita. Kovalick e sua mulher adotaram uma frase, uma espécie de mantra, que explica um pouco essa situação: “Se está difícil, você está fazendo errado”. Tudo é feito para funcionar direito, ele conta, do transporte público à pontualidade em todo e qualquer compromisso firmado. A segurança e a honestidade são outras características positivas apontadas pelo correspondente. Ele diz que, quando alguém deixa cair qualquer coisa na rua, seja uma caneta, um celular ou um relógio caríssimo, os

passantes pegam o objeto do chão — para não correr o risco de quebrar — e colocam no muro mais próximo. Assim, quem perdeu só precisa refazer o caminho olhando as paredes.

Mas é claro que, embora esteja feliz do outro lado do mundo, o jornalista mantém sua visão crítica. Para ele, o país tem defeitos graves. Mas, em seu trabalho, Kovalick prefere focar naquilo que se pode aprender com os japoneses.

— Claro que há coisas ruins. Uma delas é que a mulher é um cidadão de segunda classe no Japão. Além disso, essa expectativa de ter uma sociedade perfeita gera muita pressão social. E o japonês come baleia. Enfim, há muitas coisas que

PAULA GIOLITO



ÁSIA. Responsável por cobrir todo o continente, o jornalista viaja muito. Aqui, brinca com um bebê tigre na Tailândia



TRAGÉDIA. Kovalick e equipe posam trabalhando no dia seguinte à tsunami que atingiu o norte do Japão em 2011

são inaceitáveis culturalmente para nós, mas acho mais proveitoso focar no que podemos aprender. Na época do terremoto, eles reconstruíram uma estrada em 6 dias. Houve prefeituras que devolveram dinheiro para a Cruz Vermelha. Havia pessoas dentro dos abrigos que se preocupavam em separar o lixo. A honestidade, a limpeza, são exemplos muito bacanas — defende.

De fato, o terremoto e o acidente nuclear na usina atômica de Fukushima, no ano passado, foram responsáveis por ensinar muito ao jornalista, que passou, ele mesmo, por maus bocados. Kovalick fazia uma reportagem numa pequena cidade próxima a Kyoto, no sul

do Japão, quando o terremoto aconteceu. Pela TV, ele chegou a ver a onda da tsunami provocada pelo fenômeno. O problema é que sua mulher estava em Tóquio, onde o impacto foi muito maior. As diversas horas que passou sem conseguir se comunicar com ela, ele diz, foram as mais difíceis.

— Só consegui chegar em Tóquio no dia seguinte e ela estava apavorada, tremia. Fiquei muito sensibilizado durante todo o tempo. É muito difícil cobrir algo quando sua família está envolvida. Se fosse só a minha segurança, tudo bem. Mas quando sua esposa é uma potencial vítima, é muita coisa para lidar. Ela ainda ficou mais uma semana em Tóquio, mas

FOTOS DE ARQUIVO PESSOAL

“A EXPERIÊNCIA DE VIDA É SENSACIONAL. MAIS DO QUE GANHO PROFISSIONAL OU VAIDADE, O QUE MAIS IMPORTA PARA MIM É O LADO PESSOAL”

quando o perigo nuclear ficou muito grande, foi para Cingapura ficar com alguns amigos. E eu já tinha seguido para Sendai, no norte, a cidade mais próxima do terremoto — conta o jornalista.

As dificuldades não foram poucas. Kovalick lembra que, durante vários dias, ele e a equipe comeram apenas batata frita, único alimento que havia sobrado entre os mantimentos. Sua mulher chegou a tentar comer a comida do gato, já que em casa só restava chocolate e ela precisava de algo salgado. Numa das noites, em Sendai, o repórter e a equipe dormiram na sala de uma brasileira que morava lá: no chão, no sofá e até embaixo da mesa. A falta de comida, combustível e até de um lugar para dormir eram ameaças diárias. Mas, hoje, ele até lembra de algumas histórias com humor:

— Um dia, nossa água tinha acabado e fomos cada um para um canto, tentar encontrar mais. Entrei num mercadinho e vi umas garrafas enormes. Comprei duas e voltei felicíssimo, mostrando para o cinegrafista que tinha achado água. Ele virou para mim: “Água nada, você achou foi saquê!” — conta.

Dentre os momentos mais emocionantes daquelas duas semanas em que se dedicou à cobertura do terremoto, ele lembra do dia em que entrevistou um casal na fila para pegar o ônibus que deixaria Sendai, já que lá não havia mais água ou comida. Com um bebê no colo, eles em nenhum momento pensavam em reivindicar benefícios ou vantagens na fila.

— As pessoas lá naturalmente se sacrificam pela sociedade. Na fila havia muitos idosos. Muita gente teria motivo para entrar no ônibus antes. Mas ninguém quis isso. Eles entendem que o sacrifício individual traz muito mais benefícios para todos. Comecei a chorar vendo aquilo — lembra. Entusiasta das regras e da organização do povo japonês, Kovalick conta que se diverte com as tradicionais bizarrices que costuma ver na rua:

— É um povo muito regrado e certinho, mas quando resolve ser maluco... Eles pisam na jaca com vontade. Uma vez, estava no metrô e vi um sujeito de terno e gravata com três fivelinhas

no cabelo: vermelha, amarela e azul. Quando cheguei no escritório, o cara estava lá e o presidente da IPC me apresentou: o cara das fivelinhas era um dos advogados que estava trabalhando para eles. Outro dia vi um cara passeando com brincos que eram duas bolas de água com peixes dentro. E ninguém na rua acha anormal, isso é o mais legal.

A rotina do repórter também é um tanto maluca. Ou melhor: ela não existe, como ele mesmo diz. A diferença de fuso horário de 12 horas em relação ao Brasil transforma o trabalho simples do dia a dia numa missão quase impossível. Muitas vezes, ele já teve que sair às 4h da manhã para gravar matéria na rua. Mas nem mesmo todas essas dificuldades tiram seu entusiasmo pelo trabalho. Kovalick é daquele tipo de jornalista que sempre sonhou ser correspondente e não troca sua vida por nada.

— Quando eu era criança, o “Fantástico” sempre encerrava com uma matéria do Hélio Costa, dos EUA. Parecia que ele estava transmitindo da lua! Já adolescente, via correspondentes como Lucas Mendes e Sandra Passarinho. Naquela época era muito difícil ir a Nova York, só gente com muito dinheiro conseguia. Hoje, está mais fácil ir aos EUA e até mesmo à Europa. A classe média, em geral, consegue. Mas o Japão ainda parece outro mundo. É mais longe, mais incomum, diferente. Então me sinto feliz porque, de certo modo, me sinto fazendo o que eu via naqueles correspondentes que me inspiraram — explica.

E, depois de quase oito anos morando pelo mundo, ele diz que a satisfação pessoal é a grande conquista do trabalho.

— A experiência de vida de ser correspondente é sensacional. Tenho amigos de todos os lugares do mundo. Mais do que ganhar profissional ou vaidade, porque na TV sempre há vaidade envolvida, o que mais importa para mim é o lado pessoal. Você conhece outras culturas, outras pessoas, outras religiões e aprende que, mesmo pensando completamente diferente de você, elas também são boas pessoas. Crescer e aceitar as diferenças é o que mais valeu para mim até agora — define. ●